



Psicostasia ou a pesagem das almas: confissão e redenção do médico nos diários - *Por um fio*, de Drauzio Varella e *memória de elefante*, de António Lobo Antunes

Ludmila de Oliveira Costa Henrique (Bacharel em Letras)*
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

Neste trabalho, estudamos como os relatos memorialistas dos médicos escritores, o brasileiro Drauzio Varella e o português António Lobo Antunes, encontram-se pela abordagem da temática da angústia face ao exercício de uma profissão que atribui, popularmente, ao sujeito, um papel de juiz das almas sofredoras: uma tarefa que ultrapassa em muito a capacidade humana de lidar com os desafios de situações nas quais o profissional também se encontra implicado. Sem contar com a proteção dos deuses – como na cena clássica da Psicostasia, advinda da cultura egípcia e traduzida para a cultura cristã –, frequentemente atacado pelas artimanhas do sinistro, sob a forma do desconhecimento, do medo ou do acaso; estes herdeiros de Esculápio e de Hipócrates fazem em seus diários uma despojada confissão de suas fragilidades, documentos que só atestam, ao fim e ao cabo, a grandeza daqueles que escolhem a medicina como missão.

Palavras-chave: Psicostasia; Medicina; Literatura; Drauzio Varella; Lobo Antunes

Abstract:

In this paper, we study how the reports of two medical memoir writers, the Brazilian Drauzio Varella and the Portuguese António Lobo Antunes, meet for discussing the issue of anxiety regarding the exercise of a profession that gives them, popularly, the role of judges when confronted to the suffering souls: a task that goes far beyond the human capacity to cope with the challenges of situations in which the physician is also implicated. Apart from the protection of the gods – like in the classic scene of Psychostasy that came from the Egyptian culture and is translated into the Christian culture –; often attacked by the antics of the sinister figure of ignorance, fear or chance; these heirs of Aesculapius and Hippocrates register in their diaries a bare confession of their weakness, that ends up turning into documents that attest to the greatness of those who choose medicine as a mission.

Keywords: Psychostasy; Medicine; Literature; Drauzio Varella; Lobo Antunes

Introdução

21 gramas é um filme americano de 2003, do gênero drama, dirigido por Alejandro González Iñárritu e escrito por Guillermo Arriaga. Consiste no entrelaçamento de vários enredos, ao redor das consequências de um trágico acidente automobilístico. Um matemático acadêmico em estado crítico de saúde, uma mãe ferida pelo luto e um ex-presidiário convertido ao cristianismo convergem para uma história apresentada numa

* Monografia apresentada em disciplina do curso de Graduação em Letras da UFPE, sob a orientação da prof^a Dr^a Ermelinda Maria Araújo Ferreira.

estrutura não-linear, onde as vidas dos personagens se confundem e conduzem a narrativa para um desfecho inesperado, quando se revela o significado do estranho título.



A Taula de Sant Miquel (séc. XIII), mestre de Soriguera. Cena 6 – Psicostasia

O título evoca uma teoria propagada pela pesquisa de 1907 do médico americano Duncan MacDougall, que se propunha a fornecer evidências científicas da existência da alma humana, através do registro de uma pequena perda de massa corpórea (representando a partida da alma) imediatamente após a morte. A pesquisa não seguiu o método científico, mostrou grandes variações de resultados (21 gramas é uma quantia arbitrária; os verdadeiros resultados de MacDougall não apresentaram média confiável), e foram firmemente rejeitados pela comunidade científica, mesmo em sua época. O experimento do médico, contudo, gerou muita polêmica: foi divulgado no dia 11 de Março de 1907 pelo *The New York Times*, e publicado na *Revista American Medicine* em Abril de 1907 (vol. 2, nº 4), tendo inspirado o roteiro do filme *21 gramas*..

Afinal, a alma tem peso? Esta pergunta, se respondida afirmativamente, alteraria o conceito da imaterialidade da alma, tão debatido pelos filósofos gregos e seguidores de diversos credos e religiões. Na sua pseudoexperiência para provar que a alma tinha massa, o médico pesou seis pessoas antes e depois de morrerem, e constatou que o ponteiro da balança quase sempre caía. O instrumento de trabalho de MacDougall era como uma enorme balança de dois pratos: de um lado ficava o paciente em estado terminal, deitado em uma cama; do outro, o doutor colocava pesos equivalentes.

Embora encarado como uma novidade, e até mesmo como uma heresia científica, o experimento de MacDougall inspirou-se numa tradição muito antiga; retratada, por exemplo, num dos painéis do arrebatador retábulo *Taula de Sant Miquel*, do século XIII, exposto numa igreja na Catalunha. Nesta imagem, São Pedro aparece descalço, aguardando o julgamento de uma alma. Suas feições são serenas e seu olhar doce, pois olha para uma

alma de natureza infantil, que entrará no céu. A entrada no Paraíso é representada pelo mestre de Soriguerola por uma torre dourada de um castelo medieval. Aos pés do santo, há um anjo descalço e ajoelhado em postura reverente. Ele olha diretamente para São Pedro, intercedendo e suplicando pela sorte da alma. Trajando uma elegante toga dourada, suas asas são de bronze e possuem detalhes semelhantes às asas do arcanjo Miguel, como se fossem parte de uma armadura.

No centro da cena, São Miguel e o diabo são certamente os dois personagens mais importantes. Eles estão pesando uma alma em seu julgamento individual. Imponente, Miguel veste uma brilhante toga azul, que se destaca contra o fundo vermelho da cena, com grandes estrelas brilhantes que realçam o belo espetáculo do combate entre o bem e o mal. Seus pés estão igualmente descalços: os servos do Senhor são sempre humildes. Suas longas asas douradas possuem muitos detalhes e também lembram uma armadura. Abertas e imponentes, elas sugerem que Miguel acabou de chegar justamente para defender a alma que está sendo pesada na balança. Sua mão esquerda aponta para a alma, e a direita está estendida na direção do diabo: ele fala com o sinistro. Em volta de sua cabeça há uma auréola azul, sobre seus cabelos e suas feições serenas. Ele está tranquilo porque não precisa disputar com o diabo; ele é *justo* e sua decisão prevalecerá.

Com uma túnica negra, o diabo é marrom. Suas feições são metade humanas, metade animais; ele tem uma barbicha, orelhas de bode, chifres e garras pelo corpo. Na cabeça do pequeno diabo azul dentro da balança – que representa a medida das más ações da alma – sua mão direita trapaceia, pois força o peso para baixo. Até o fim dos tempos, ele sempre será um ludibriador. Sua mão esquerda erguida, com as garras à mostra, oferece uma inútil resistência a Miguel: no fim, o bem sempre triunfa.

Em seu estudo *O diabo: a máscara sem rosto*, Luther Link lembra que, embora nada possa ser encontrado nas Escrituras sobre a pesagem das almas, a Psicostasia⁴⁸ existe em inúmeros túmulos e manuscritos egípcios, ilustrando *O livro dos mortos*. Talvez os egípcios tenham sido o primeiro povo a fazer o julgamento moral de um homem após a morte. Antes de um morto iniciar sua vida futura, Hórus o conduz ao salão de julgamento de Osíris, onde seu coração é julgado na balança da justiça divina. Se for mais pesado do que uma pena de Maat, a deusa da verdade, o morto é jogado para o monstro Ammit, que o devora. Se a balança não se mover, a inocência do morto é comprovada e o acesso à presença de Osíris é concedido. Sobre o retábulo de Soriguerola, Link comenta:

Ninguém parece ter notado que o diabo oponente de Miguel no retábulo está vestindo trajes típicos usados mais de 1.500 anos antes. Um estudo recente afirma que livros em rolo antigos com figuras bíblicas provêm do Egito, foram desenhados em papiro e influenciaram poderosamente a arte cristã. O mestre de Soriguerola deve ter tido acesso a alguma cópia de rituais religiosos egípcios. Embora sem originalidade, o artista conservou o *shenti* egípcio e fez algumas mudanças necessárias. Na versão cristã, as boas ações do homem são pesadas contra suas más ações. Como os cristãos

⁴⁸ Psicostasia é o nome atribuído a uma cena comum representada no Livro dos Mortos que retrata a cerimônia de pesagem do coração do defunto no tribunal da deusa Maat. De acordo com as crenças dos habitantes do Antigo Egito, a morte física não era o fim da existência, existindo a possibilidade de uma vida no Além. Historicamente esta vida no Além esteve de início reservada ao rei, tendo a partir do Império Médio se alargado a toda a população. Contudo, para se poder aceder a esta vida era necessário ter levado uma vida de acordo com a Maat (ou Maat), conceito egípcio que traduz a ideia da ordem universal marcada pela justiça e pela harmonia.

não queriam usar Maat, substituíram sua pena por um diabinho. Este ficava em um prato da balança, e a alma a ser julgada no outro. Se a alma descer (o peso de suas boas ações tornando-a mais pesada do que o diabinho), ela é salva e se junta aos abençoados. Se o prato com o diabinho descer e a alma subir, a alma é condenada. A física pode ser obscura, mas era assim que se presume que funcionasse. E é por isso que vemos um diabo trapaceando, tentando puxar para baixo o prato de seu colega diabrete. (1998, p. 126)

Mas o que teria a Psicostasia a ver com os diários dos médicos escritores Drauzio Varella e António Lobo Antunes? Contemporâneos (nascidos em 1943 e 1942, respectivamente), embora não conterrâneos (naturais de São Paulo e de Lisboa, respectivamente), Varella e Antunes desenvolvem em suas obras aqui destacadas um gênero literário pouco comum e impreciso: são relatos autobiográficos, sim, mas transformados literariamente em textos esteticamente elaborados. A temática é semelhante, porque versa sobre o impacto da profissão médica na constituição do sujeito.

Oncologista, Varella narra em *Por um fio* (2004) alguns breves mas pungentes relatos de sua prática diária, norteados pela crença num princípio: mais do que curar, o objetivo da medicina é aliviar o sofrimento humano. Os contos vão alinhavando a história da formação e do percurso do autor na carreira médica, a partir da morte de sua mãe, culminando com a narrativa que descreve os últimos dias de seu irmão mais novo, também oncologista e parceiro na lida diária, acometido ele mesmo por um câncer incurável.

Psiquiatra, Antunes narra em *Memória de elefante* (1975), seu primeiro romance, a jornada de apenas um dia na vida de um médico também psiquiatra, seu alter-ego, assombrado pela dor e pela solidão que resultaram, em parte, de sua prática nos hospitais psiquiátricos, e em parte de sua devastadora experiência profissional na guerra de Angola, que o marcou profundamente. Este único dia é suficiente para conter a tensão de uma vida inteira, revelando de um modo explosivo os conflitos existenciais do sujeito dividido entre a carreira do médico e a carreira do escritor.

Nestas histórias, tem-se a impressão de que os narradores estão continuamente expostos à cena de um julgamento devastador: ora como juízes – diante das almas que a eles se apresentam continuamente, as mais das vezes em angústia, rogando pelo alívio de suas dores físicas e psíquicas, quando não morais –; ora como réus, quando são eles mesmos que se apresentam ao espelho, e se interrogam dramaticamente sobre o peso que se impuseram ao abraçar uma profissão tão nobre quanto difícil e exigente, capaz de confrontar um homem diariamente com a realidade da balança das almas, e de confiar muitas vezes, às suas mãos demasiadamente humanas, o fiel que ditará os seus destinos.

Por um fio

Viver é como percorrer um caminho num desfiladeiro de onde partem tiros disparados a esmo. As balas podem acertar qualquer um, mas derrubam com mais frequência os velhos, as crianças pequenas e os debilitados. Quando um corpo cai, alvejado, os outros são obrigados a se desviar e a continuar em frente, porque a ordem é seguir sempre em frente, mesmo sem saber aonde o caminho nos levará.

Drauzio Varella

Conta Drauzio Varella haver descoberto, aos vinte e quatro anos, que o que mais lhe interessava na vida era tratar de doentes graves. Por essa razão, dedicou-se inteiramente ao estudo e tratamento do câncer e da AIDS, um convívio que, segundo ele, moldou a sua forma de pensar e de entender a existência humana. Muito jovem, imaginava que a prática médica o levaria a compreender melhor o “sentido da vida”, pensando particularmente em como aprender a lidar com o seu próprio fim: como encarar a morte sem pânico e com serenidade. Ledo engano, confessou aos sessenta anos, quando afinal se considerou suficientemente maduro e vivido para construir um relato “caleidoscópico” das histórias dos doentes que conheceu na prática da cancerologia:

Com o tempo percebi a ingenuidade de tal expectativa: supor que, por imitação ou aprendizado, seja possível encarar a contradição entre a vida e minha morte é pretensão descabida. Não me refiro à morte de estranhos nem à de entes queridos, evidência que só nos deixa a alternativa da resignação; mas à minha morte, evento único, definitivo. ... Morte é a ausência definitiva. Tomei consciência desse fato aos quatro anos de idade, dois meses depois de ter ficado órfão. – Vó, nunca mais vou ver minha mãe? (2004, p. 8)

Por um fio começa com uma homenagem às mães brasileiras, às mulheres que resistem bravamente ao lado dos leitos de suas crianças vitimadas, as mais das vezes, pelos graves problemas sociais do país: as doenças da pobreza, da falta de higiene e da ignorância, ainda mais sérias e evidentes na época em que o narrador inicia a sua prática médica nos anos 60 num pronto-socorro pediátrico. Nesta narrativa, ele conta como eram tantas as crianças perdidas num só plantão, que não era possível lembrar o rosto delas ao final do dia. Mas também conta que não conseguiu esquecer como o choro de uma só mãe na enfermaria contagiava a todas, seguido por um silêncio terrível que durava horas. E como foi capaz de registrar por décadas a fisionomia de uma mãe solitária, encostada a um poste de sinalização, que beijou sua mão à sua passagem. Este gesto singular traduz a gravidade do papel atribuído popularmente ao médico na sociedade, o qual não se furta à analogia com a tarefa diária da pesagem das almas. Num hospital, porém, a Psicostasia não avalia a dignidade dos corações. O médico, ao contrário dos juízes na pintura de Soriguerola, não detém a calma das determinações, nem lhe cabe saber se a vítima é boa ou má. Há que tratar a todos da melhor maneira, mitigar a dor e, se possível, manter a vida. Também não é reservada ao médico a segurança que os enviados de Deus partilham no momento da decisão final. Ele está no mesmo patamar das almas condenadas, inseguro e angustiado, dependendo daquilo que aprende por si mesmo, da ciência que cria pela observação; e daquilo que o acaso, a sorte – ou o sinistro? – reservam àqueles que se apresentam na antesala do fim, que é o hospital.

O fato de nada distinguir o médico daquelas almas que é obrigado a pesar ao longo dos dias é uma mensagem espalhada na humildade dos relatos de Drauzio Varella, cuja prática esteve sempre marcada pela consciência social. O médico adquiriu notoriedade, inclusive, quando o seu romance *Estação Carandiru* foi adaptado para o cinema por Hector Babenco, em 2003, numa bem sucedida superprodução. Pioneiro na pesquisa sobre a AIDS, Varella narra neste livro sua experiência com a dura realidade dos presídios brasileiros, durante um trabalho de prevenção da doença que realizou na *Casa de Detenção* de São Paulo, famosa pelo massacre de 1992, quando 111 presos foram mortos. O enredo conta como, numa cela desta Casa, dois detentos se enfrentam num acerto de contas. O clima é tenso. Outro detento, uma espécie de “juiz” para desavenças internas, soluciona o caso a tempo de dar as boas vindas ao médico, recém- chegado e disposto a realizar uma ação de prevenção à AIDS na penitenciária. O médico testemunha, no maior presídio da América

Latina, problemas gravíssimos: superlotação, instalações precárias, doenças como tuberculose, leptospirose, caquexia, além da pré-epidemia de AIDS. Os encarcerados lamentam, além da falta de assistência médica, de assistência jurídica. O *Carandiru*, com seus mais de sete mil detentos, constitui-se inicialmente num grande e amedrontador desafio para Varella. Mas bastam alguns meses de convivência com os presos para que ele perceba algo que o transformará: mesmo vivendo uma situação-limite, os internos não são figuras demoníacas. No convívio com as pessoas que visitam seu improvisado consultório, o médico testemunha solidariedade, organização e, acima de tudo, uma grande disposição de viver.

Esta mesma generosidade culmina na história que Varella seleciona para fechar o livro *Por um fio*: o relato de como o seu grande inimigo, o diabólico câncer – contra o qual se voltou numa luta encarniçada de toda a vida, amparado em sua clínica diária por dois oncologistas, seu irmão mais novo Fernando e um grande amigo, Narciso – atinge uma pessoa querida. No caso, mais do que “querida”: o seu braço direito. Fernando adocece aos quarenta e cinco anos, de um tipo devastador de câncer pulmonar, semelhante a tantos que ele mesmo tratou nos doze anos que atuou na área. Varella confessa haver conhecido raríssimos médicos que, como Fernando, tivessem verdadeiro interesse pelas aflições dos pacientes, o que se torna evidente na reflexão do irmão, que destaca:

Todo médico deveria passar pelo que estou passando. Experimentar na carne a fragilidade que a doença traz, as agruras das dores persistentes, náuseas e mal-estares, incertezas. Sentir nostalgia da felicidade despreocupada de outras épocas, amargura ao imaginar o vazio que nossa ausência poderá deixar nas pessoas queridas, o desejo insensato de acordar desse pesadelo. (2004, p. 211)

O livro se conclui com este depoimento eivado de emoção, que submete a arrogância científica, não raro partilhada pelos intelectuais, à dura prova da comunhão direta com o sofrimento; ao desafio maior que é a inversão dos papéis na cena da Psicostasia.

Memória de elefante

Vestir as pessoas de diagnósticos, ouvi-las sem as escutar, ficar de fora delas como à beira de um rio de que se desconhecem as correntes, os peixes e o côncavo de rocha de que nasce, assistir ao torvelinho da enchente sem molhar os pés, recomendar um comprimido depois de cada refeição e uma pílula à noite e ficar saciado com esse feito de escuteiro: o que me faz pertencer a este clube sinistro, meditou, e sofrer quotidianamente remorsos pela debilidade dos meus protestos e pelo meu inconformismo conformado, e até que ponto a certeza de que a revolução se faz do interior não funciona em mim como desculpa, auto-viático para prosseguir cedendo?

António Lobo Antunes

Ao contrário do tom quase sempre entusiasmado que acompanha o relato de Drauzio Varella no exercício da profissão, mesmo nas horas mais difíceis, a relação do escritor Lobo Antunes com a medicina não é das mais serenas. Os conflitos são constantes e veiculados com indisfarçável amargura: o peso da influência do pai, também médico, um homem arrogante e violento, em nada pertencente à “classe dos mansos perdidos” na qual o próprio autor se reconhece; o mal-estar com que descreve o Hospital, com seus

funcionários e pacientes; a Sociedade de Neurologia e Psiquiatria: tudo sabe a uma revolta ácida, enfastiada, rude; a um cansaço profundo com a ineficácia dos tratamentos, só comparável à sua intolerância com o cinismo de seus pares. Seu lamento parece soar no mesmo diapasão que o de outro médico escritor português, o oncologista Fernando Namora, quando diz em seu romance *Domingo à tarde*:

Toma-se gosto a tudo – permitam-me a filosofice –, à dor, à crueldade, à devassidão, e eu, decerto, sentia-me já identificado com o meu mester de condutor de um rebanho noturno que caminhasse de olhos vazios, como os morcegos, ao encontro do cutelo. ... A verdade, reconheço-o agora, é que o horror do meu ofício se apossara da minha personalidade, desfigurando-a, como acontece àqueles megarefes das morgues, de ombros tortos e nervos empedernidos, que mergulham os dedos e as narinas nos cadáveres com a gulodice de um apreciador de pitéus. (1961, p. 11)

Não mais elogiosa parece ser a ideia de Lobo Antunes sobre a sua especialidade:

Putá que pariu os psiquiatras organizados em esquadra de polícia, putá que pariu o Grande Oriente da Psiquiatria, dos etiquetados pomposos do sofrimento, dos chonés da única sórdida forma de maluquice que consiste em vigiar e perseguir a liberdade da loucura alheia defendidos pelo Código Penal dos tratados, putá que pariu a Arte da Catalogação da Angústia, putá que me pariu a mim, que colaboro, pagando, com isto, em lugar de espalhar bombas nos baldes dos pensos e nas gavetas das secretárias dos médicos para fazer explodir, num cogumelo atômico triunfante, cento e vinte e cinco anos de idiotia pinamaniquesca. (2009, p. 9)

A raiva do médico, entretanto, divide o espaço da narrativa com a mal disfarçada ternura do escritor. Assim como Namora dirá:

Estas e outras cogitações, noites de insônia em que elas me desfibravam o cérebro, e a verruminosa sensação de impotência perante a crescente leva de enfermos que vinham até mim, ainda inconscientes, para eu lhes impingir mezinhas falazes, foram-me turbando, envilecendo, fazendo de mim este cínico irascível que parece cuspir nas pessoas e confunde ternura com pieguice. Se assim não fosse, eu teria sido para Clarisse outro homem. ... Eu reconhecia que a minha enfatuada aridez era uma espécie de enxerto bastardo que, como as células vorazes dos tumores, digerira insidiosamente o que em mim havia de confiado e espontâneo. (1961, p. 12);

Lobo Antunes corroborará, em seu depoimento sofrido sobre o seu desastrado afastamento da família – o casamento desfeito e impedido de ver as duas filhas –, com esta espécie de mea-culpa do colega de profissão, no longo desabafo deste dia único e vulgar que preenche as páginas do livro *Memória de elefante*:

Tu, pensou ele referindo-se à mulher, tu, pensou, escapaste sempre à derisão e à ironia em que procuro esconder a ternura de que me envergonho e o afecto que me apavora, talvez porque desde o princípio tenhas topado que sob o desafio, a agressividade, a arrogância, se ocultava um apelo aflito, um grito de cego, a mirada lancinante de um surdo que não percebe e busca em vão decifrar, nos lábios dos outros, as palavras apaziguadoras de que necessita. (2009, p. 78)

Diante destas semelhanças entre os discursos de Namora e Lobo Antunes, não há como não indagar sobre o peso extremo que a prática da medicina, em determinadas circunstâncias e para determinados espíritos, exerce na balança que deveria equilibrar a

vida daqueles que a ela se consagram. O comportamento e a personalidade “demoníacos” desses médicos, inferidos de seus próprios e severos relatos, contudo, não nos falam de uma desistência perante o Bem – o difícil Bem que conduziria as almas à presença do Osíris egípcio ou do Deus cristão. Ao contrário. Eles nos revelam, no negativo de suas falas, toda a dor que assola os personagens, toda a empatia pelo próximo que os devasta e que suplanta largamente as magras compensações do respeito e do prestígio social, eventualmente resultantes desta profissão; todo o sacrifício, enfim, a que se veem sujeitos pela escolha definitiva que fizeram. A escolha de servir. Servir, mesmo sem saber como, mesmo sem saber a que preço, mesmo sem saber até quando. A literatura, para além de ser o lugar onde esses espíritos se confessam, é talvez o lugar onde buscam, solitariamente, tratamento e alívio eles mesmos. Pois quando tudo falha: a ciência, as instituições, as pessoas, resta a palavra. A palavra, sagrada em seu poder catártico, purgativo, sanatorial. Por isso a literatura, para alguns médicos supremos, é um verdadeiro “hospital” – no sentido original do termo: “*hospes*”, em latim, significa “hóspede”, e dá origem a “*hospitalis*” e a “*hospitium*” – sítios onde se hospedavam, na Antiguidade, não só os enfermos, mas também os viajantes e peregrinos.

Referências bibliográficas

LINK, Luther. *O diabo – a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOBO ANTUNES, António. *Memória de elefante*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NAMORA, Fernando. *Domingo à tarde*. São Paulo: Círculo do livro, 1961.

VARELLA, Drauzio. *Por um fio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COSTA, Ricardo da; BIANCHI, Carolina. *A Taula de Sant Miquel* (séc. XIII) do mestre de Soriguerola (Baixa Cerdanha - Catalunha), In: CAVALCANTI, Carlos M. H. (org.). *História, imagem e narrativas*. Rio de Janeiro: *Revista Eletrônica*, n. 2, ano 1, abril/2006 (ISSN 1808-9895).